

## A APROPRIAÇÃO DA TEORIA DE BAKHTIN NA AD FRANCESA

Claudiana Nair Pothin NARZETTI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nossa pesquisa investiga a história epistemológica da análise do discurso francesa derivada de Michel Pêcheux. Ela trata, especificamente, da recepção e apropriação de alguns conceitos da teoria desenvolvida por Mikhail Bakhtin pela teoria do discurso articulada por Pêcheux e seus colaboradores, na terceira época da disciplina. Algumas questões que tentaremos responder são: De que modo se dá a entrada de Bakhtin na AD, já que é comandada por uma releitura e uma transformação? Que princípio comanda essa releitura? A que problemática os conceitos bakhtinianos são chamados a responder? Quais as conseqüências da apropriação desses conceitos para a teoria do discurso?

**Palavras-chave:** Análise do discurso francesa; Mikhail Bakhtin; História da AD.

**RESUME:** Notre recherche enquête l'histoire épistémologique de l'analyse du discours française dérivée de Michel Pêcheux. Elle traite, spécifiquement, de la réception et de l'appropriation de quelques concepts de la théorie développée par Mikhail Bakhtin par la théorie du discours articulée par Pêcheux et leurs collaborateurs, dans troisième époque de la discipline. Quelques questions que nous essayerons de répondre sont: À quelle problématique les concepts bakhtinianos sont appelés à répondre? Lequel les conséquences de l'appropriation de ces concepts pour la théorie du discours?

**Mots-clés:** Analyse du discours française; Mikhail Bakhtin; Histoire de l'AD.

### 1. Apresentação do problema

Nossa pesquisa tem como objetivo investigar um momento da história epistemológica da análise do discurso de linha francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux. Investiga-se, especificamente, a recepção e a apropriação de alguns conceitos da teoria de Mikhail Bakhtin e seu Círculo pela teoria do discurso articulada por Michel Pêcheux e seus colaboradores, no período da chamada terceira época da disciplina.

Alguns conceitos da teoria bakhtiniana, como dialogismo e polifonia, são amplamente utilizados nos trabalhos de análise do discurso desde o início dos anos 80 até hoje. Entretanto, nos anos iniciais de desenvolvimento da AD francesa, a referência à obra bakhtiniana esteve ausente, chegando mesmo a ser explicitamente rejeitada por Pêcheux, apesar da proximidade das suas problemáticas. Essa trajetória peculiar da teoria bakhtiniana na AD francesa foi nossa motivação inicial.

Poderíamos pensar que a ausência da referência a Bakhtin, nos trabalhos iniciais de AD, justificava-se pela chegada tardia das idéias desse autor à França. Sabemos que ele

---

<sup>1</sup> Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

produziu na Rússia, a partir da década de 20, mas só se tornou conhecido na França nos anos 60, com a divulgação feita por Julia Kristeva em seminários e artigos, e com a publicação de algumas de suas obras a partir dos anos 70.

Devido aos interesses de Kristeva (e também de outros estudiosos que propiciaram a divulgação de Bakhtin, como Barthes) por uma teoria do texto literário, são os trabalhos bakhtinianos sobre a literatura os primeiros a serem estudados e desenvolvidos. Assim, é natural que, no final dos anos 60, quando é inaugurada a análise do discurso, Pêcheux sequer mencione o autor russo.

No entanto, a partir de 1973, começa a ser estudada, na França, uma outra obra de Bakhtin/Voloshinov, mais voltada para o discurso, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, principalmente por lingüistas marxistas ligados à Sociolingüística. Uma apresentação dessa obra foi feita por Marcellesi e Gardin em *Introdução à sociolingüística*, de 1974, antes de sua publicação, que data de 1977.

Pêcheux, entretanto, não somente não lançou mão dos conceitos formulados nessa obra, mas também manteve uma postura de recusa das idéias de Bakhtin em função de considerá-las “um retorno a um estado pré-teórico” (MALDIDIER, 2003, p. 60).

Ainda segundo Maldidier (2003):

Certos dos lingüistas marxistas, em nome do marxismo, estavam prontos a emprestar a via aberta por Voloshinov em 1929 [...]. Michel Pêcheux manteve, desde esta época, e até o fim, uma posição clara: a questão do sentido não pode ser regulada na esfera das relações interindividuais, nem tampouco na das relações sociais pensadas no modo da interação entre grupos humanos. (p. 61)

Assim, por causa desses motivos, os trabalhos bakhtinianos não foram levados em conta na teoria do discurso de base pecheutiana, no período inicial. Entretanto, isso não durou para sempre, visto que, a partir dos anos 80, os trabalhos de análise do discurso passam a utilizar conceitos de Bakhtin.

A entrada do autor na teoria do discurso se deu na ocasião do Colóquio Materialidades Discursivas, realizado em Nanterre, em 1980, evento que marca o início da terceira época da AD, segundo Maldidier (2003). Tal entrada ocorreu através do trabalho de Jacqueline Authier-Revuz que, fazendo uma releitura dos conceitos de *dialogismo* e *polifonia* de Bakhtin, propôs o conceito de *heterogeneidade discursiva*.

Desse modo, surge uma primeira questão, que nossa pesquisa se propõe a responder. O que permitiu que os conceitos de Bakhtin entrassem na teoria do discurso, uma vez que

havia sido explicitamente rejeitados num primeiro momento? Dito de outro modo: Por que, em um primeiro momento da teoria, esse autor foi rejeitado e, posteriormente, foi aceito?

De acordo com o que dissemos, pode-se perceber que a entrada dos conceitos de Bakhtin na AD não se deu de modo direto, ou seja, eles não foram “incluídos” na teoria do discurso com a mesma configuração que tinham em seu solo original. Na verdade, esses conceitos foram apropriados, o que implica uma releitura, sendo esta realizada no trabalho de Authier-Revuz, que culminou na construção do conceito de heterogeneidade acima referido. Essa releitura não se embasou somente na teoria bakhtiniana, mas tomou como ponto de partida a teoria do discurso pecheutiana e a Psicanálise, segundo Grigoletto (2005).

Assim, outras questões surgem: De que modo Bakhtin entra na AD, já que essa entrada é comandada por uma releitura e uma transformação? De que modo Authier-Revuz se apropriou de conceitos do autor? Que tipo de mudanças ela operou neles? De que natureza é a releitura feita pela lingüista? A partir de qual referencial teórico ela faz essa releitura?

Ora, de acordo com a epistemologia de Georges Canguilhem, uma teoria é constituída por conceitos que são de temporalidades diversas. Assim, numa dada teoria há conceitos mais antigos e mais recentes. Além disso, segundo o epistemólogo, os conceitos possuem uma autonomia em relação às teorias em que nascem, o que permite que eles sejam apropriados por outras teorias. No entanto, no momento em que migram de uma teoria para outra, os conceitos passam por uma transformação, ajustando-se à teia dos outros conceitos já presentes. Também a teoria passa por modificações na ocasião da entrada de conceitos novos. Toda a rede de conceitos é modificada, novas relações são estabelecidas entre eles.

A partir desses postulados, podemos propor um outro bloco de questões para nossa pesquisa: Para que fins ou a que problemáticas os conceitos bakhtinianos são chamados a responder? Quais foram as conseqüências da apropriação desses conceitos para a teoria do discurso? Que modificações sofreu a teoria com a sua entrada (se é que ela sofreu)? Qual a contribuição que os conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia, relidos e transformados pelo trabalho de Authier-Revuz, trazem para a terceira época da AD? Que mudanças teóricas teriam permitido a apropriação de Bakhtin pela teoria do discurso pecheutiana? Quem passa por uma transformação nesse processo: é a teoria pecheutiana que se modifica e isso permite a entrada de Bakhtin ou é a teoria bakhtiniana o alvo da modificação?

## **2. Hipóteses**

Convencionou-se dizer que análise do discurso francesa desenvolvida a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux passou, na França, por três fases ou épocas, marcadas por um

trabalho de reconfiguração teórica, em que conceitos anteriores foram sendo transformados ou abandonados e conceitos novos foram sendo construídos ou apropriados. Não há um consenso, entretanto, sobre as datas que marcaram o início de cada época. Maldidier (2003), a quem seguimos aqui, defende que as três épocas da teoria se estenderiam de 1969 a 1975; de 1976 a 1979; e de 1980 a 1983, respectivamente.

Dessa forma, o período da história da AD que intentamos investigar (aquele em que certos conceitos da teoria bakhtiniana são apropriados pela teoria do discurso) vai da segunda até o início da terceira época. É certo que é somente no ano de 1980, com a realização do Colóquio Materialidades Discursivas (que marca, segundo Maldidier (2003), o começo da terceira época da AD) que conceitos bakhtinianos ganham, de fato, lugar na teoria do discurso. Mas acreditamos que uma análise do processo da entrada de Bakhtin na AD deve começar, necessariamente, no período anterior a essa entrada, ou seja, ainda na segunda época da teoria, uma vez que o contexto que prepara as suas condições começa a se configurar nesse período. Na segunda época da AD é que se inicia o “movimento em direção à heterogeneidade, ao Outro...” (GREGOLIN, 2004, p. 62). Trata-se do momento em que o conceito de *interdiscurso* ganha cada vez mais atenção nos trabalhos de análise de *corpus* que então vinham sendo realizados, gerando problemas teóricos e práticos para os analistas do discurso. Os trabalhos que primeiro contribuíram no sentido de fortalecer tal conceito foram, conforme Maldidier (2003), as teses de Marandin (1978) e Courtine (1981), as quais defendiam a necessidade de apreender a relação do intradiscurso com o interdiscurso e criticavam a tendência dos trabalhos anteriores de, centrando-se nas seqüências parafrásticas, privilegiar a repetição e conduzir a uma concepção de homogeneidade dos discursos.

O problema prático ao qual nos referimos acima é a necessidade de conceitos e procedimentos de análise que permitissem apreender, na materialidade discursiva, a presença do interdiscurso. A solução para ele vem dos trabalhos de Authier-Revuz, que “trazia elementos decisivos à problemática da heterogeneidade do discurso” (MALDIDIER, 2003, p.73), na época da realização do Colóquio, abordando:

[...] a questão das aspas que, colocadas em uma palavra ou expressão, marcam uma suspensão da tomada a cargo pelo enunciador. Esta questão tocava diretamente o surgimento do outro no discurso de um sujeito. Ela sustentava a problemática da heterogeneidade oferecendo um ponto de ancoragem para a análise. (MALDIDIER, 2003, p.77)

Ainda segundo (MALDIDIER, 2003):

Se, antes, a idéia de um ‘trabalho’ do interdiscurso no interior mesmo do intradiscurso era forte, ela permanecia abstrata, ela tinha necessidade de uma mudança na análise da materialidade discursiva ela própria e lhe faltava um elo decisivo do lado da questão das marcas enunciativas. [...] A *heterogeneidade constitutiva* de Jacqueline Authier acenava [...] para o *interdiscurso* de Michel Pêcheux. A problemática da *dupla heterogeneidade* permitirá voltar, em termos novos e operacionais, para o jogo do interdiscurso com o intradiscurso. (p.84)

Nesse contexto de reformulação da teoria do discurso (em que um trabalho de apreensão do interdiscurso no interior do intradiscurso ganhou mais espaço, dentre outras problemáticas), no início dos anos 80, é que se dá a entrada de Bakhtin.

Entretanto, conforme dissemos anteriormente, não é diretamente que esse filósofo entra na teoria, mas indiretamente, já que seus conceitos de *dialogismo* e *polifonia* não são acrescentados a ela, mas são *apropriados*, o que implica um trabalho de transformação. O trabalho de Authier-Revuz sobre esses conceitos, tomando por base a própria teoria do discurso e certos pressupostos psicanalíticos, é que lhe permite formular o conceito de heterogeneidade, que passa a fazer parte da teoria pecheutiana.

Partindo da tese de Bakhtin de que os discursos são formados por discursos anteriores a ele e que há vozes diversas que se orquestram nesse discurso, a lingüista passa a defender que os discursos são heterogêneos e não homogêneos, como as análises anteriores levavam a tratá-los e, na verdade, a homogeneidade é apenas um efeito, uma simulação.

Analisando esse dialogismo constitutivo de todo discurso sob o ponto de vista da teoria do discurso, Authier-Revuz sustenta que as vozes que aí dialogam pertencem a formações discursivas distintas que competem entre si no jogo ideológico. Essa concepção coaduna com a de Courtine (1981) quando este diz que as formações discursivas não são fechadas, mas são *fronteiras que se deslocam*. O interdiscurso é o conjunto dos discursos em relação, provenientes de formações discursivas diversas, que constituem a matéria da qual se constituem os discursos variados. Devido ao fato de todo discurso ser constituído de discursos diversos, eles são heterogêneos.

Dessa forma, no interior da teoria do discurso, a noção de polifonia de Bakhtin foi deslocada para a de heterogeneidade discursiva e o discurso polifônico passa a ser tratado como heterogêneo. Segundo a noção de polifonia, diferentes vozes se fazem ouvir no discurso. Segundo a noção de heterogeneidade, diferentes posições-sujeitos, inscritas em formações discursivas antagônicas são elementos constitutivos do discurso (CAZARIN, 2005).

Além de interpretar esses conceitos bakhtinianos do ponto de vista da AD, Authier-Revuz também o faz do ponto de vista da Psicanálise lacaniana. Para a autora, o discurso de um sujeito é constituído pelos discursos que lhe são anteriores, mas tais discursos não são dos sujeitos enquanto indivíduos empíricos, mas do Outro, da ordem simbólica. A concepção de sujeito com qual trabalha Bakhtin é diferente daquela de Authier e da AD: esta se sustenta na idéia de sujeito como inconsciente, cindido e assujeitado pela ideologia.

Desse modo, acreditamos que conceitos da teoria bakhtiniana só passam a integrar a teoria do discurso após um trabalho de transformação que os reinterpreta no interior do referencial teórico que é a base da teoria do discurso pecheutiana, o Materialismo Histórico (a relação das formações discursivas no jogo ideológico) e a Psicanálise (o discurso do outro como o discurso do Outro). Conseqüentemente, podemos afirmar que não é uma mudança na base epistemológica da teoria do discurso que permite a recepção de Bakhtin<sup>2</sup>, mas uma transformação, uma releitura de seus conceitos que o tornam passível de ser utilizado.

Concordamos com Grigoletto (2005), quando esta afirma que:

É na segunda e, sobretudo, na terceira e última fase dos escritos de Pêcheux, quando há a desconstrução por completo da noção de maquinaria discursiva, que se abre espaço para se trabalhar com heterogeneidade enunciativa, com discurso-outro, o que possibilita um espaço real de diálogo com Bakhtin. (p. 123)

Em outras palavras, é certo que a teoria do discurso passou por mudanças teóricas que não só permitiram a entrada de conceitos de Bakhtin, mas também produziram uma “necessidade” deles. Mas defendemos que esse não é o único ou principal motivo da aceitação do filósofo russo. O maior deles é mesmo a releitura de seus conceitos a partir do MH e da Psicanálise.

Mas, devido à trajetória singular que os conceitos bakhtinianos percorreram na teoria e na análise do discurso, tendo sido, como vimos, primeiramente rejeitada e posteriormente aceita, faz-se interessante que investiguemos também as razões dessa recusa.

Apontamos acima, rapidamente, um dos motivos da recusa de Pêcheux em lançar mão das idéias bakhtinianas apresentadas na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Desenvolveremos agora um pouco mais essa questão.

---

<sup>2</sup> Essa é a tese de Freire (2006): “Esse momento de reconstrução ou redirecionamento teórico vai gerar novos procedimentos que irão desconstruir as ‘maquinarias discursivas’ das fases anteriores. Esse redirecionamento, apoiado na discussão sobre interpretação, aprofunda a noção de interdiscurso, afasta a AD do dogmatismo althusseriano e a leva ao encontro de Bakhtin e Foucault...” (p. 93).

Em primeiro lugar, para Pêcheux, o marxismo do Círculo de Bakhtin estava muito próximo daquilo que Althusser denominou de *humanismo teórico*. Essa vertente do marxismo era considerada por Althusser não uma teoria científica sobre a teoria de Marx, mas uma *ideologia*, o que suscitava uma forte rejeição por parte do grupo althusseriano, do qual participava Pêcheux.

Em segundo lugar, Pêcheux e Bakhtin iam em direções opostas quanto à importância de Saussure para a Lingüística. Enquanto o primeiro considerava Saussure o fundador da ciência Lingüística, ao ter elaborado a noção de valor e ter produzido o objeto dessa ciência, o segundo o considerava apenas como o principal representante de uma das correntes do pensamento lingüístico, o *objetivismo abstrato*.

Em terceiro lugar, Pêcheux acreditava que a teoria da interação verbal de Bakhtin não levava em conta o principal elemento a ser considerado numa teoria de base marxista, a luta de classes. A interação verbal reduzia-se a uma concepção de relações entre indivíduos e não entre classes antagônicas (PÊCHEUX; GADET, [1977], 1998).

E, por fim, outro motivo da recusa de Bakhtin por Pêcheux era a divergência de ambos quanto à Psicanálise. Sabemos que essa disciplina está na base da teoria do discurso formulada por Pêcheux, formando com a Lingüística e o Materialismo Histórico a base epistemológica sobre a qual ela se funda. De fato, Pêcheux, como a geração de pensadores de seu tempo, partia da tese da cientificidade da Psicanálise e acreditava que se poderia fazer um uso bastante proveitoso de seus conceitos na constituição de ciências novas. Contrariamente, Bakhtin, a seu tempo e contexto histórico, não utilizava conceitos psicanalíticos em sua teoria e, acima de tudo, criticava duramente tal ciência.

Assim, pelo que se pode ver, a posição de Bakhtin ia em direção oposta a de Pêcheux, quando se tratava de considerar a importância de Saussure e de Freud/Lacan para a constituição de uma teoria do discurso. Estava configurada a impossibilidade de apropriação do filósofo russo pelo francês.

### **3. Orientação metodológica**

Para a realização de nosso trabalho, algumas noções propostas na genealogia de Nietzsche (1988) são de fundamental importância, visto que podem ser relacionadas ao trabalho de releitura e apropriação de determinados conceitos por uma teoria que lhes é exterior. Podemos afirmar, tomando por base a distinção nietzschiana entre causa da origem e uso, que os conceitos de Bakhtin apropriados pela teoria do discurso tinham um lugar e uma função específicos no seu solo original, mas passaram por uma modificação, ao serem

inseridos em outro lugar, e passaram a ter outras funções. Portanto, não se trata de descobrir a função e o sentido “verdadeiros” desses conceitos (que estariam localizados, necessariamente, na rede conceptual onde foram forjados), mas de identificar as mudanças, as *torções* que eles sofreram na história de suas errâncias.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. **DRLAV**, Paris, n° 17, 1978.

\_\_\_\_\_. Paroles tenues à distance. In: CONEIN, B, et alii (org.). **Materialités discursives**. Nanterre: Presses Universitaires de Lille, 1981.

\_\_\_\_\_. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, Paris, n° 26, 1982. p. 91-151.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAZARIN, Ercília. Da polifonia de Bakhtin à heterogeneidade discursiva na análise de discurso. In: ZANDWAIS, Ana (org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. p. 132-147.

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes theoriques et methodologiques em analyse du discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, Paris, n° 62, 1981.

FREIRE, Sérgio. **Conhecendo análise de discurso**. Manaus: Valer, 2006.

GREGOLIN, Rosário. Pêcheux, Bakhtin, Foucault: singularidades, espelhamentos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GRIGOLETTO, Evandra. Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin à análise de discurso. In: ZANDWAIS, Ana (org.). **Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005. p. 116-131.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. Campinas: Pontes, 2003.

MARANDIN, J.M. [1979]. Problèmes d'Analyse du Discours. Essai de description du Discours Français sur la Chine". **Langages**, Paris, n° 55, pp. 17-88.

MARCELLESI, J.B.; GARDIN, B. **Introdução à sociolingüística**. Lisboa, Aster, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo? **Escritos**, Campinas, nº 3, 1998, [1977]. p. 4-10.